

Apresentação do Dossiê ***Humanimalia*: espaço, agência e não-humanos**

Dossier Presentation ***Humanimalia*: space, agency and nonhumans**

Fábio Luiz Zanardi Coltro¹

Felipe Vander Velden²

Pensar os e com os animais – e com seres não humanos em geral – hoje implica reconhecer que esses seres instigam uma constelação de imagens, símbolos, experiências, e afetos que são cruciais na construção dos coletivos humanos neste planeta. Afinal, nos alimentamos deles, vestimos suas peles, vivemos, lutamos e trabalhamos com eles; tentamos salvá-los, mimamos, caçamos, compramos, vendemos, trocamos, amamos – e, assim, humanizamos ou familiarizamos –, tememos e odiamos; e nosso produzir e habitar territórios distintos – casas, quintais, cidades, fazendas, ilhas, nações, o globo – ocorre sempre na presença dos mais diversos animais de inumeráveis espécies, tipos, raças, cores, formas, tamanhos. Nossa vida cotidiana – a nossa e a de todos os povos e culturas da Terra – está intrinsecamente ligada aos animais, tornando-os agentes centrais em nossas práticas, inclusive socioespaciais. Portanto questionamos: onde, como e porque nos relacionamos com diferentes animais? Nós lhes devemos obrigações? Porque eles importam? Como eles devem nos importar? Como eles devem figurar, afinal, no corpo da teoria social e nos modos como fazemos ciências sociais, teórica e metodologicamente?

Pode-se dizer que os animais, hoje, estão no centro dos debates mais candentes em várias das ciências humanas e uma produção crescente, em quantidade e qualidade, de pesquisas e publicações em torno desses não humanos é sensível tanto no Brasil como no exterior. Esses trabalhos debruçam-se sobre uma miríade de temas, é fato. Não obstante, constatamos que um ponto nevrálgico das relações entre coletivos humanos e animais ainda é pouco explorado no Brasil, ainda que venha observando notável expansão em outros países: a saber, as relações entre humanos, animais e o espaço. Trata-se daquilo que convencionou-se denominar *Geografias Animais*, conceito que nasce de uma imbricação não apenas entre a geografia e as ciências biológicas, mas também entre diversas disciplinas das humanidades, todas, claro, interessadas no fenômeno humanoanimal sobre a face deste planeta, sob distintos pontos de vista.

O desenrolar das interações entre animais humanos e não humanos em espaços, lugares e territórios – reais e imaginários, passados ou presentes, urbanos e rurais, em micro e macroescalas – é, contudo, um fenômeno pertinente a todas as ciências humanas: tudo se desenrola no espaço, práticas são feitas pelo espaço assim como o fazem continuamente. Neste sentido, recuperar o lugar em que as relações entre humanos e não humanos se desdobram, e esta mútua coprodução do espaço e da vida social concedendo a devida importância à sua análise, converte-se em aspecto fundamental dos trabalhos que, aqui neste dossiê, se esforçam por situar, abrindo as portas para uma reflexão comparativa em torno da espacialidade das conexões humanimais. Como repensar os animais a partir destas interações entre humanos e não humanos no espaço? Como estas relações se distribuem e produzem distintas formas de habitar? Como as construções socioespaciais são produzidas ou influenciadas por relações entre humano e animais? Como esses seres podem nos ajudar a aproximar as distintas ciências humanas e sociais interessadas em diferentes dimensões do espaço?

¹ Pós-doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina (PPGA-UEL, Londrina, PR, Brasil). E-mail: fzcoltro@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6261-3182>.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS-UFSCar, São Carlos, SP, Brasil). E-mail: felipevelden@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5684-1250>.

A construção social do espaço está intrinsecamente ligada ao nosso relacionamento com os animais. Permite-se que animais de companhia – associando-os a características como fidelidade, carinho, confiança e família –, transitem pelo espaço íntimo e privado de nossas casas. Da mesma forma, proíbe-se, combate-se, ou pelo menos não se deseja, que alguns outros coabitem em nosso meio, nos espaços supostamente restritos aos humanos (como as cidades) por motivos que vão desde a repulsa (por ratos, baratas e pombos) até a exclusão de nossa paisagem dos animais que matamos para que nos alimentem. Grandes extensões territoriais – municípios, estados, países – vêm cada vez mais se definindo pela criação animal ou pecuária, em um cenário global de crescente consumo de carne, ao passo que se veem às voltas com as associações simbólico-culturais que, por exemplo, equacionam correntes migratórias (humanas) com espécies (animais) exóticas invasoras. Ademais, perspectivas pós-humanas variadas, que buscam retirar a humanidade do centro de sua reflexão – combatendo a nossa preeminência diante de outras criaturas com as quais compartilhamos o mundo –, apostam, cada vez mais, na constatação de que paisagens, ambientes e lugares são, sempre, produtos da ação combinada – sinérgica, mutualística, coevolutiva – de seres humanos e não humanos, e a própria vida no nosso planeta aparentemente depende dessa ação conjunta.

O campo das *Geografias Animais* se estabelece a partir da relação entre humanos e não-humanos e tem como foco não mais a geografia dos animais pautada na biogeografia e zoogeografia, mas sim na relação de diferentes animais não-humanos com variadas parcelas da humanidade. Os trabalhos dos geógrafos anglo-saxões como Wolch e Emel e Philo e Wilbert, entre outros, abriram caminho para uma reinterpretação das relações humano-animal na década de 1990, ao repensarem – pegando, certamente, carona nas críticas antropológicas e filosóficas que vêm já dos anos de 1950 – conceitos, discutindo a subjetividade dos animais e a necessidade de ressignificar questões acerca da dicotomia Cultura/Natureza. Em particular, com foco no papel dos animais na construção social da cultura e do indivíduo, da natureza da subjetividade animal e sua ação como agente, incluíram a oposição humano-animal na construção social do tempo e do espaço, e nas formas das representações animais e a sua influência sobre as identidades pessoais e coletivas. Supondo o espaço relacional – o que ele é, irremediavelmente – sua concepção sempre depende, em larga medida, de nossa relação com os não-humanos, principalmente com os animais.

Advindos de uma interpretação mais contemporânea, os autores que se dedicam ao estudo dos animais têm a raiz de seus pensamentos, por exemplo, nas teorias pós-estruturalistas de poder de Foucault, do devir-animal de Deleuze e Guatarri, nas teorias feministas e pós-colonialistas de Val Plumwood, na teoria ator-rede de Latour e Law, nas naturezasculturas de Haraway, nas teorias do habitar e nas *meshworks* de Ingold, no animismo e no perspectivismo de Viveiros de Castro, Lima, Descola, na ecossemiose generalizada de Eduardo Kohn. Todos esses autores e autoras, entre muitos outros, oferecem-nos novidades epistemológicas – e também, certamente, teórico-metodológicas – fundamentais nas quais as ações de construção, desconstrução e reconstrução socioespacial são agora compartilhadas por humanos e não-humanos, não havendo exclusividade, em processos sempre relacionais.

Os artigos publicados neste dossiê buscam aproximações entre os estudos da antropologia, da sociologia, da filosofia, da história e de outras ciências humanas e sociais com a geografia, ou com as questões relacionadas ao espaço. Interessados em como as interações entre humanos e não humanos se desenvolvem espacialmente, a intenção desta coletânea é a de oferecer um contexto para repensar essas relações humano/animais e a produção de espaços, paisagens, ambientes, locais, lugares e territórios em um panorama da miríade de relações cotidianas, econômicas, sociais, culturais, religiosas, literárias, jurídicas e outras. Os artigos aqui reunidos trabalham, de um modo ou de outro, as interfaces entre as relações cotidianas entre humanos e animais (e certos outros não humanos) e sua espacialidade, enfrentado diálogos entre espaço, cultura e sociedade, interessados nas múltiplas formas pelas quais animais humanos e não humanos constroem, modelam, alteram e habitam o – ou os múltiplos – mundo(s).

Declaração de Co-Autoria (resumo): Os autores declaram que redigiram e revisaram conjuntamente o documento na íntegra.